

Metacínética Histórica: Um Potencial da Comunicação¹

Nelson SHUCHMACHER ENDEBO²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Em todo evento histórico há uma série complexa de processos comunicacionais em curso. A História como disciplina, por ser ela mesmo prática discursiva, pode ser esclarecida em algum nível pela Comunicação. A metaforologia busca recuperar o étimo pré-conceitual que une as diversas modalidades de pensamento e práticas discursivas. Determinar a história das metáforas é lidar também com a situação material em que elas têm condições de nascer. Ao longo da história, invenções tecnológicas recriam o mundo, o qual compreendemos com conceitos e metáforas que têm, cada um, suas próprias histórias. Chamamos de metacínética histórica o diferencial entre as múltiplas temporalidades em que operam esses elementos. Por lidar com a materialidade dos meios e os diversos níveis de discurso, a Comunicação se mostra campo fértil para a investigação da metacínética.

Palavras-chave: comunicação; metacínética; história; metaforologia; rede.

Em dois artigos recentes³, a professora Marialva Barbosa argumenta que, em contraste com o campo dos estudos de História, o campo da Comunicação se caracterizaria, na prática, por um pronunciado *presentismo*, ocupando-se, de maneira secundária, de estudar e compreender os processos comunicacionais do passado; a História, por sua vez, seria a “dona incontestável dos *tempos idos*” (BARBOSA, 2012. p.146). Dentre as observações plausíveis acerca de tal estado de coisas, a autora arrola duas que cremos pertinentes como fundo à discussão que aqui introduziremos: 1) Essa divisão decorreria em parte da naturalização da ciência histórica como autoridade sobre certo universo reflexivo, donde que sua jurisdição sobre a apuração, validação e especulação sobre os processos históricos resultaria de práticas institucionalizadas, restando à Comunicação, por assim dizer, um âmbito “externo” àquele da História; e 2) para lá das práticas institucionais específicas, que “hierarquizam saberes e dividem lugares do conhecimento” (idem, p. 146), nenhum campo do

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Agradecemos ao amigo Giovanni Doveri, da University of Colorado, pelo acesso a alguns dos materiais da bibliografia.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, e-mail: nendebo@gmail.com

³ BARBOSA (2009; 2012)

saber pode definir, exclusivamente, o perímetro reflexivo das demais disciplinas e locais de conhecimento.

Poder-se-ia concluir disso que, ao menos institucionalmente, os estudos de processos comunicacionais do passado seriam, em maior parte, privilégio da História, com todas as implicações teórico-metodológicas daí derivadas. Não nos ocuparemos aqui de examinar a veracidade histórica dessa conclusão; partiremos, contudo, da suspeita de que ela é, em si mesma, sintoma de uma excessiva segmentação teórica que, acrescida da notória dificuldade de se definir o objeto específico da Comunicação⁴, escusa o fato de que a comunicação é, em verdade, um pressuposto dos *processos historiáveis*, e de que a historiografia propõe, em seu caráter eminentemente especulativo, uma reflexão sobre a possibilidade e a forma de transmissão de dados recebidos, isto é, um problema de comunicação. Esse laço entre história e comunicação é tão estreito que o antropólogo Johann Fabian pôde dizer, ao explicar a “guinada histórica” em seu trabalho etnográfico, que

[...] O que devemos considerar não é, por assim dizer, o recurso direto à história como outra disciplina, e sim a necessidade mediada de uma “guinada histórica” – mediada pela percepção de que *nós ganhamos acesso às realidades que estudamos, acima de tudo, pela interação e pela comunicação com os outros, os quais não podem simplesmente ser submetidos – como objetos dados – aos procedimentos tanto da antropologia, quanto da história.* (FABIAN, 2002, p. 77, tradução e grifos nossos)

No intuito de melhor enquadrar nossa discussão sobre a relação entre comunicação, metaforologia e semântica histórica, citemos a articulação precisa de Barbosa:

[...] se considerarmos que o estudo da comunicação envolve *sempre as condições do pensável e o conteúdo daquilo que é pensável, ou seja, expressa-se também pela explicação e compreensão*, temos uma equação fundamental para o entendimento de qualquer narrativa, seja ela do passado seja do presente. Se pensarmos igualmente que a história cria uma possibilidade temporal própria, situada entre o tempo cósmico e o tempo vivido, o chamado tempo histórico, e que os processos humanos do presente são puro tempo vivido, não enfocariam os estudos de comunicação sempre a experiência humana no tempo, essa matéria-prima indispensável para o entendimento do mundo e de sua história? (2009, p. 14, grifos nossos)

Essa passagem nos serve na medida em que triangula epistemologia (condição do pensável), comunicação (expressão do pensável) e história (expressão no tempo), e sugere sua síntese na experiência humana; ademais, sugere que a comunicação opera entre uma ordem de temporalidade impessoal (tempo cósmico) e uma ordem existencial-pessoal (tempo vivido). Ambicionamos nesse

⁴ Ver, por exemplo, BRETON e PROULX (1996, p. 11), e MATTELART (2002, p. 9).

artigo contribuir com uma reflexão preliminar sobre epistemologia da comunicação a partir dessa triangulação, enfocando, sobretudo, a metáfora e a metaforologia, como desenvolveu-as Hans Blumenberg.

Em sua obra *Paradigmen zu einer Metaphorologie* [*Paradigmas para um metaforologia*], Blumenberg introduziu um programa de investigação daquilo que ele chamou de *metáforas absolutas*, isto é, daquelas metáforas que, referindo-se aos fenômenos sem referentes (i.e. vida, mundo, tempo, homem, etc.), resistem à conversão em conceitos e núcleos conceituais. Estando fora do escopo sistemático-racionalista da filosofia, sobretudo da configuração desta no projeto cartesiano de elaboração e asserção de conceitos claros e distintos, as metáforas absolutas constituiriam verdadeiros pontos de orientação para o homem ao longo de sua trajetória. A ambição inicial da metaforologia, como a quis Blumenberg, era demonstrar, mediante cuidadosa reconstrução da retórica de paradigmas intelectuais, a funcionalidade dessas metáforas como pólos de orientação não-sintetizáveis nas armaduras conceituais que amparam os discursos e ações ao longo da história do empenho humano. Tais metáforas possuem uma história, e sugerem uma função epistemológica largamente ignorada pela filosofia: elas seriam, por um lado, o “subsolo nutritivo das cristalizações sistemáticas” (2013, p. 16), isto é, a história dos conceitos seria tributária de sua própria; por outro, elas seriam, em última análise, testemunhas de nossos esforços de habitar um mundo indiferente à existência humana. À indiferença do mundo corresponde a ordem cósmica do tempo: tempo não-humano ou, como sugere Barbosa, tempo não-histórico.

Ao mesmo tempo, aquelas metáforas não teriam geneticamente o mesmo “tipo” de história que os conceitos. Pelo contrário, são “históricas” em um sentido ainda mais radical que aqueles: a transformação histórica de uma metáfora torna aparente “a metacinética dos horizontes de sentido e pontos de vista históricos, no interior da qual os conceitos passam por mudanças” (2013, p. 16). Entendemos por *metacinética* o diferencial temporal entre conceitualidade historicamente situada e a *metafórica*⁵ em que aquela se encontra latente; a título de exemplo, podemos citar a luz como metáfora da verdade, que nutre a própria forma do pensável na ontologia clássica⁶. Segundo Blumenberg há, já no platonismo, uma *metafísica* da luz implicada na *metáfora* da luz: ao garantir a visibilidade das coisas sem no entanto ser visível ela mesma, a luz constituiria o subsolo metafórico

⁵ Leia-se esse termo como substantivo, e não adjetivo.

⁶ Blumenberg (1957) elenca uma série impressionante de evidências da presença ideativa da metáfora da luz ao longo da história da filosofia, de Platão a Heidegger.

do conceito de verdade em Platão; a verdade, não sendo ela mesmo visível, é o *meio* em que a verdade do mundo se revela. A conhecida diferença conceitual entre ôntico (o ente) e ontológico (o Ser) estaria latente, dada como possibilidade, na metáfora da luz, donde que traçamos o seguinte paralelo: o visível aparece à luz, e não o contrário; os seres emergem no Ser, e não o contrário. Podemos vislumbrar aqui como que, na relação que Blumenberg traça entre metáfora da luz e conceito da verdade, persevera um irreduzível elemento material, óptico, que participa, mas não se circunscreve, na composição hermenêutica do conceito. A este ponto específico retornaremos mais adiante.

A metaforologia nesse sentido seria, já que busca reconstruir as condições linguístico-históricas [sprachlich-historisch] de possibilidade de enunciação de conceitos distintos, mais do que uma história dos conceitos [Begriffsgeschichte], uma *arqueologia da história dos conceitos*⁷, como sugere Dirk Mende (2009, p. 89). Justamente por conta dessa relação, podemos aceitar a metaforologia como contribuição à semântica histórica. Ora, ao argumentarmos, parafraseando Barbosa, que “nenhum campo do saber pode definir, exclusivamente, o perímetro reflexivo das demais disciplinas e locais de conhecimento”, queremos também dizer que, ao estudarmos a constituição histórica das diversas disciplinas a partir da contribuição da metaforologia, poderemos cartografar o étimo compartilhado dos diversos conceitos que compõem o aparato teórico e os pressupostos epistemológicos de cada uma delas.

Com isso não queremos, obviamente, sugerir que uma palavra possa determinar campos conceituais inteiros. Almejamos indicar, aí sim, que os conceitos de uma disciplina historicamente localizada têm uma história que excede os limites daquela; que esses conceitos bebem, em sua gênese, de um fundo *metaforológico* mais antigo⁸. Tampouco sugerimos que esse fundo seja transcendental, como os arquétipos de Jung: o subsolo metafórico é radicalmente imanente e, portanto, radicalmente histórico. Mas sua história se move com uma velocidade que não é a da “História”: o progresso da ciência, o desenvolvimento das técnicas, da filosofia, da universidade, ocasionaram,

⁷ Cremos que a metaforologia, nesse sentido, possa ser produtivamente articulada com a arqueologia do conhecimento no pensamento de Foucault, e mesmo com a teoria dos paradigmas científicos de Thomas S. Kuhn. Contudo, às análises de Foucault ela consideraria, por exemplo, uma dimensão metacínica, localizando as matrizes profundas de conceitos operativos como “vontade de poder”, “hegemonia”, “normatividade”. Em última análise, o que está em jogo não é tanto o *significado* de tais conceitos desde um panorama histórico mais amplo, e sim como o repertório conceitual de determinado autor se mineraliza em velocidades distintas de maturação metafórica.

⁸ Estamos cientes, como indicaremos adiante, que uma metáfora “nova” possa ser empregada para referir-se a um conceito historicamente mais antigo.

sim, inúmeras vezes, a substituição de conceitos julgados ultrapassados ou inoperantes; mas a substituição de conceitos não equivale à substituição de metáforas ou, pior ainda, ao abandono ou à superação da linguagem metafórica. Uma metáfora pode continuar a ser funcional mesmo quando os conceitos se tornam obsoletos.

No interior dessa problemática - onde articulam-se as formas do pensável; suas atualizações específicas, historicamente dadas no discurso, no “comércio simbólico”; e a situação material da comunicação e expressão do pensável - opera uma *metacinética histórica*. Não é por coincidência que, ao propor uma teoria sobre a simultaneidade de múltiplos regimes de historicidade em um dado momento histórico, Reinhart Koselleck a tenha expresso com uma metáfora geológica, como se tais regimes heterogêneos se sobrepusessem em camadas temporais coexistentes e curiosamente contemporâneas⁹. Não podemos nos ocupar aqui da complexa relação que Koselleck estabelece entre tempo e espaço. Indicamos, contudo, a relevância de seu trabalho para o nosso: em termos comunicacionais, o espaço é uma imagem-matriz do tempo: só podemos falar de movimento no tempo e, portanto, na história, pelo emprego de metáforas espaciais. Que tais metáforas sejam historicamente condicionadas e, por sua vez, condicionantes, é o problema que nos concerne aqui, como uma questão pertinente à Comunicação.

Em que nível a facticidade da *comunicação*, tomada em sua materialidade e fundamentação na história da tecnologia, determina o flúmen linguístico – metáforas e conceitos - que doa ao pensamento uma forma identificável, cuja história, portanto, podemos *escrever*? E, fazendo o percurso contrário, como é que esse pensamento, radicalmente contingente, instaura novas possibilidades de ação, isto é, de história, incluindo a invenção e aperfeiçoamento de aparatos técnico-comunicacionais? Tratam-se de perguntas que continuarão a mobilizar nossa atenção por muito tempo. O que não quer dizer que algumas respostas parciais já não tenham sido oferecidas¹⁰. Todavia, quando um teórico como Friedrich Kittler afirma que “os meios determinam a nossa situação” (KITTLER, 1999, p. xxxix) esconde-se aí o fantasma sempre presente da metacinética histórica. Poderemos apreciar melhor esse problema se tomarmos como objeto a figura da rede, tão

⁹ Ver Koselleck (2000), sobretudo p. 9-77.

¹⁰ Lievrouw (2014), embora não trate da questão da metacinética que tem sido nosso enfoque até aqui, oferece um complexo panorama sumário da situação dos estudos de mídia na esfera anglo-saxã – problematizando tanto o determinismo tecnológico quanto as teorias que aceitam destarte a autonomia da agência humana.

proeminente na contemporaneidade, e cuja existência parece dar à nossa época um *status* qualitativamente distinto. De um lado, a metáfora da rede indica materialmente uma condição prática específica de comunicação, relativa sobretudo à Internet e ao entrelaçamento dos aparatos tecnológicos, atores políticos e contextos socioeconômicos articulados em sua operacionalidade. Por outro lado, a metáfora da rede vem se tornando figura corrente para descrever modelos epistemológicos, como na obra de Bruno Latour, e ontológicos, como na filosofia de Deleuze e Guattari, e de Peter Sloterdijk, para nos atermos a referências familiares. Mais recentemente, Christopher Vitale propôs a figura do enredamento para descrever o *a priori* formal da própria filosofia. Isto é, propõe não uma “leitura filosófica” da rede, mas antes a “filosofia *como* enredamento” [philosophy as networking] (VITALE, 2014, p. 18). Ou seja, esse *a priori* parece-nos, paradoxalmente, historicamente *a posteriori*, *ex post facto*. Eis um problema de metacínética histórica.

A pesquisa preliminar de Christian J. Emden sobre a história da metáfora da rede, a qual resumiremos parcialmente com paráfrases a seguir, indica sua presença no léxico ideativo desde, pelo menos, Aristóteles, quem observara, no oitavo capítulo do Livro II da *Física*, que a aranha tece sua teia *por natureza*. O pescador, ao contrário, tece sua rede porque aprende a fazê-lo (2014, p. 253). Essa diferença, que sugere a origem mimética da técnica, está na base do problema da cisão natureza-cultura que tanto perturba o pensamento contemporâneo¹¹. Quase vinte séculos depois, Thomas Hobbes reutilizará essa mesma distinção aristotélica para caracterizar o livre-arbítrio humano com a metáfora da rede: “quando a aranha tece sua teia [web], ela o faz espontaneamente, e não por eleição” (apud Emden, 2014, p. 253). Essa relação entre a observação da natureza, em Aristóteles, e conceito político, em Hobbes, não surge espontaneamente. Em latim, o vocábulo *nassa* já indicava algo preso na rede do pescador; os cognatos *nexus* e *nectere*, assinalando o entrelaçamento dos fios na malha da rede, serão empregados também para expressar obrigações legais e relações de dependência econômica; assim como *nodus*, o nó, que também será usado no sentido de vínculo contratual (idem, p. 253). Ou seja, vender o peixe é estar preso a uma rede.

¹¹ Ver, por exemplo, Blumenberg (1981, p. 55-103) e Descola (2011, sobretudo p. 30-54)

Emden reconhece a dificuldade de determinar a figura da rede como metáfora filosófica, porque ela se relaciona imagética¹² e etimologicamente, pelo menos em alemão, com outras famílias de metáforas de organização espacial, de tecelagem e de incerteza - *Verschleierung*, (ilusão, engano, ocultação) vem de *Schleier*, véu. Na segunda Epístola a Timóteo, Paulo fala nos “laços do diabo” (2:25-26), que obstruem o acesso à verdade. No século XVII, a metáfora da rede passa a descrever o impedimento à verdade, não a teológica, mas a epistemológica: com o advento do método indutivo a partir do gesto inaugural de Bacon, fala-se na “rede de conceitos e palavras obscuras” que dificultam o acesso à verdade, que o método empírico ousará desvendar. É com essa metáfora que Locke, refletindo os princípios de organização conceitual *clare et distincte* propostos por Descartes, denunciará a “ignorância” dos precursores na escolástica (idem, p. 254). No período marcado pela Revolução Científica, essa desconfiança das metáforas e abstrações se expressará no famoso lema da Royal Society: *nullius in verba*, “nas palavras de ninguém” (idem, p. 254).

A programática crítico-epistemológica das ciências naturais, com sua ambição de esclarecer a metafísica, recorrerá à razão matemática, *mathesis universalis*, para penetrar-lhe a rede de palavras obscuras. Talvez esse seja um complexo dos mais produtivos para nossa investigação preambular. Isso porque os desenvolvimentos na matemática, sobretudo na geometria, e nas ciências naturais, com suas contingências e consequências na história da tecnologia, repotencializaram os usos da metáfora da rede em pelo menos três frentes: (1) na formulação da perspectiva central por Alberti, na Renascença, com suas redes imaginárias de linhas de fuga sobre a tela, a fundação geométrica da representação tridimensional passa a se projetar sobre o mundo real; (2) no desenvolvimento da geometria de Descartes, com sua rede de coordenadas que, mais do que permitirem a representação do mundo, permitem o domínio espacial da natureza; e (3) na descoberta do sistema de circulação sanguínea por William Harvey, em 1628, quando o corpo humano emergirá como rede orgânica (idem, p. 255). Logo a alma será compreendida como uma espécie de excreção imaterial do enredamento fisiológico humano.

Até aqui traçamos conscientemente, de maneira muito esquemática e, do ponto de vista do historiador, superficial, a trajetória da metáfora da rede em uma série de desenvolvimentos técnicos e ideativos. Arrolamos todas essas ocorrências da metáfora não para sugerir, vulgarmente, um

¹² Blumenberg, curiosamente, foi muito mais um *pesquisador* da metaforologia do que um teórico da metáfora. Para Rentsch (2009, p. 137-152, esp. 137-141), é preciso criar critérios mais cuidadosos para diferenciar “metáforas de imagens, modelos e paradigmas” (137).

precursor distante da Internet entre os antigos gregos, os primeiros cristãos ou os empiristas ingleses. Nosso propósito é simplesmente indicar, pela amostragem de usos tão diversos e temporalmente dispersos, que, no desenvolvimento do pensamento, ao menos no “Ocidente”, as formas do pensável orientam a dinâmica dos horizontes operacionais dos conceitos. Olhando para o conceito contemporâneo de rede, como este é entendido na linguagem pública, podemos afirmar não ser disparate algum reconhecer que o termo faz referência a uma situação social e técnico-comunicacional específica de nossa época. Entretanto, como pontua Emden (2014, p. 261) a base ideativa da rede não resulta de um complexo de relações sociais pós-modernas e pós-industriais – um juízo que caberia facilmente na acusação de *presentismo* feita por Barbosa. Ela reflete antes uma vasta malha de interações entre positivações materiais e valorações simbólicas ao longo de séculos de história; fenômenos que têm suas próprias temporalidades irreduzíveis. Ou seja, de certo modo a teia de aranha, como artigo natural, e a rede de pescar, como artefato humano que remonta à Idade da Pedra¹³, persistem como *modelos formais* para tipos de pensamento tão diferentes, tão atravessados por processos históricos, técnicos e sociais das mais variadas naturezas e velocidades cinéticas, que sequer parecem se relacionar uns com os outros. Do ponto de vista de uma metacinética histórica, a tecnologia parece modificar o mundo muito mais rapidamente do que a retórica é capaz de descrevê-lo. A teorização de Blumenberg na parte derradeira de sua carreira buscará compreender o problema desse diferencial a partir de uma antropologia filosófica, a fim de dar conta, dentre outras coisas, da desorientação ocasionada por situações de desnível cinético, por assim dizer. A metaforologia desembocará em uma grande fenomenologia do humano em um mundo da vida [Lebenswelt] cada vez mais saturado de objetos técnicos. Uma fenomenologia histórica.

Por congregar em um mesmo cenário reflexivo a pesquisa sobre a natureza e funcionamento de conteúdos veiculáveis, incluindo aí a retórica, da qual a metaforologia é parte, e a pesquisa sobre os meios de comunicação desde o ponto de vista de seu funcionamento técnico, o campo da Comunicação parece satisfazer, em nossa estimativa, as pré-condições para o esclarecimento e aprofundamento de “macroproblemas” como o da metacinética histórica. É sobretudo nesse sentido que concordamos com a professora Marialva sobre a eminente relevância do campo para a pesquisa histórica.

¹³ Ver o relato de Kriiska (1998) sobre as descobertas arqueológicas feitas no noroeste da Estônia.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, M. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. In.: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: ESPM, vol.6 n.16 jul. 2009. p. 11-27
- BARBOSA, M. O presente e o passado como processo comunicacional. In: **Matrizes**. São Paulo, Ano 5 – nº 2 jan./jun. 2012. p. 145-155
- BLUMENBERG, H. **Wirklichkeiten in denen wir leben**. Stuttgart: Reclam, 1981.
- BLUMENBERG, H. Licht als Metapher der Wahrheit [1957]. In: HAVERKAMP, A. (ed.). **Ästhetische und Metaphorologische Schriften**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001. p. 139-171
- BLUMENBERG, H. **Paradigmen zu einer Metaphorologie**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2013 [1960].
- BRETON, P.; PROULX, S. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- DESCOLA, P. **L'écologie des autres. L'anthropologie et la question de la nature**. Paris: Éditions Quae, 2011
- EMDEN, C. J. Netz. In: KONERSMANN, R (ed.) **Wörterbuch der philosophischen Metaphern**. Studienausgabe. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2014. p. 252-264
- FABIAN, J. Ethnology and History. In: **Anthropology with an Attitude: Critical Essays**. Stanford: Stanford University Press, 2001. P. 70-86
- KITTLER, F. **Gramophone, Film, Typewriter**. Stanford: Stanford University Press, 1999.
- KOSELLECK, R. **Zeitschichten: Studien zur Historik**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000.
- KRIISKA, A. Stone Age Settlements in the Lower Reacher of the Narva River, Northeastern Estonia. In____: **Coastal Estonia. Recent Advances in Environmental and Cultural History**. Rixensart: PACT 51, 1996, 359–369.
- LIEVROUW, L. Materiality and Media in Communication and Technology Studies: An Unfinished Project. In: GILLESPIE, T. et al (ed.). **Media Technologies: Essays on Communication, Materiality and Society**. Cambridge, MA: MIT Press, 2014. p. 21-52
- MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012 (15ª ed.)
- MENDE, D. Technisierungsgeschichten. Zum Verhältnis von Begriffsgeschichte und Metaphorologie bei Hans Blumenberg. In: HAVERKAMP, A.; MENDE, D. (eds.). **Metaphorologie: Zum Praxis von Theorie**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2009. p. 85-107.
- RENTSCH, T. Thesen zur philosophischen Metaphorologie. In: HAVERKAMP, A.; MENDE, D. (eds.). **Metaphorologie: Zum Praxis von Theorie**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2009. p. 137-152.



VITALE, C. **Networkologies: A Philosophy of Networks for a Hyperconnected Age – A Manifesto.**
Winchester, UK: Zero Books, 2014.